

## ESTÁGIO PROFISSIONALIZANTE EM PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO EM SERVIÇO

### WORK EXPERIENCE IN SCHOOL PSYCHOLOGY: A PROPOSAL FOR IN-SERVICE TRAINING

*Maria José Ribeiro<sup>1</sup>*

*Silvia Maria Cintra da Silva<sup>2</sup>*

*Fabiana Marques Barbosa<sup>3</sup>*

*Camila Turati Pessoa<sup>4</sup>*

**RESUMO:** Neste trabalho, apresentamos uma proposta de estágio profissionalizante em Psicologia Escolar e Educacional, organizado no formato de projeto de extensão universitária que vem se construindo na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) há 18 anos, voltado para as demandas escolares e denominado Grupos de Desenvolvimento e Aprendizagem (GDA). Sabe-se que o estágio profissionalizante ocorre num curto espaço de tempo na vida acadêmica do estudante, mas influencia profundamente suas possibilidades de práticas profissionais, assim como a construção do próprio arcabouço teórico-prático dessa área. Daí a importância de fornecer e divulgar práticas profissionalizantes consolidadas em propostas socialmente engajadas, que apresentem continuidade, buscando garantir tanto a qualidade do serviço oferecido à população como experiências significativas para sustentar o início da vida profissional do futuro psicólogo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estágio profissionalizante. Psicologia Escolar. Avaliação Psicoeducacional.

**ABSTRACT:** This article presents a proposal of professionalizing internship in Educational and School Psychology organized in university extension project that happens in Universidade Federal de Uberlândia (UFU) about 18 years and works with scholar demands named Grupos de Desenvolvimento e Aprendizagem (GDA). The professionalizing internship occurs in a brief time during the student's academical life, but causes deep influences in their possibilities of professional practices, also in the construction of knowledge about the area. So, the importance to offer and divulge professionalizing practices that are consolidated in structured social proposes that has continued looking guarantee the quality of service to the population and significant experiences to support the beginning of professional life to the future psychologist.

**KEYWORDS:** Professionalizing internship. School Psychology. Psychoeducational evaluation.

<sup>1</sup> Doutor em Psicologia. Professora do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: mariajpsi@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Educação. Professora de Programa de Pós-graduação do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: silvia\_ufu@hotmail.com

<sup>3</sup> Mestre em Psicologia Aplicada. E-mail: fabi.masquesb@hotmail.com

<sup>4</sup> Mestranda em Psicologia. E-mail: camilatpessoa@gmail.com

## Introdução

O presente artigo tem por objetivo refletir sobre o estágio profissionalizante em Psicologia Escolar e Educacional e as possibilidades de formação que essa atividade propicia efetivamente aos futuros psicólogos. Além disso, pretendemos discutir a respeito de possibilidades concretas em que o estágio pode ser oferecido a partir da experiência de um projeto denominado *Grupos de Desenvolvimento e Aprendizagem (GDA)*. Há 18 anos, essa modalidade de estágio profissionalizante é oferecida em escolas da rede pública de Uberlândia (MG) em parceria com a clínica-escola da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), visando ao trabalho relacionado às queixas escolares de crianças do Ensino Fundamental.

A queixa escolar diz respeito a uma “situação problema” que tem como centro o processo de escolarização (SOUZA, 2007), ou seja, são as diversas demandas que chegam principalmente ao psicólogo, geralmente por parte da escola ou da família, em relação às intercorrências no processo de escolarização, tendo, na maioria das vezes, o aluno como principal foco. As questões relacionadas à “queixa escolar” têm sido muito discutidas no campo da Psicologia Escolar e Educacional, uma vez que essa é a principal demanda infantil encaminhada aos psicólogos (SOUZA, 1997; MARÇAL; SILVA, 2006; SOUZA, 2007; BARBOSA, 2011). Esse fenômeno representa um dos temas mais discutidos na área e sobre os quais se tecem inúmeras reflexões advindas da trajetória da Psicologia Escolar e dos desafios atuais da educação. Destacamos que os reducionismos nas explicações e condutas dos profissionais têm sérias consequências, tanto para os indivíduos diretamente envolvidos, como para a construção do conhecimento teórico-prático relacionado a essa problemática.

Por muito tempo, as queixas recebidas pelo psicólogo em relação a essas intercorrências na escolarização foram compreendidas de forma unilateral. As explicações dadas pelos psicólogos giravam em torno de fatores individuais ou familiares, com frequentes referências a problemas emocionais ou de origem orgânica. Nessa perspectiva, geralmente a escola ficava excluída do processo de avaliação e intervenção e, assim, o fracasso escolar seria o fracasso da própria criança ou de sua família (PATTO, 1984; PATTO, 1996; MEIRA; ANTUNES, 2003a; MEIRA; ANTUNES, 2003b; SOUZA, 2007; OLIVEIRA; ARAUJO, 2009; GUZZO et alii, 2010; BARBOSA; ARAUJO, 2010).

Ao analisarem a questão do fracasso escolar no Brasil, Neves e Almeida (2006) apontam que devemos nos remeter à história da educação no país, marcada fortemente por políticas elitistas, com uma acentuada desigualdade social.

por trás de uma filosofia de ensino para todos, estabeleceu-se uma ideologia de segregação e de fortalecimento dos interesses das esferas sociopolíticas dominantes. Dessa forma, o fracasso que o aluno começou a evidenciar por meio de repetências, exclusão da escola ou dificuldade na aprendizagem, refletia, na realidade, um fracasso da escola, enquanto sistema social responsável pela aquisição e transmissão do conhecimento (NEVES; ALMEIDA, 2006, p. 162).

Diante dessas considerações, podemos afirmar que o fracasso escolar é um fenômeno relacionado à própria condição do sistema de ensino. Nesse sentido, Guzzo (2005) alerta que a escola, há muito tempo e ainda nos dias atuais, tem contribuído para reproduzir a ideologia dominante de exploração de uma classe sobre a outra, de defesa dos interesses da classe dominante e de desigualdade social. Assim, hoje encontramos a escola, principalmente a pública, como um espaço que enfrenta inúmeras dificuldades.

[...] lugar onde prevalece a negligência política observada pelo imenso número de crianças sem saber ler ou escrever; o abandono das estruturas educacionais, especialmente as condições físicas do espaço escolar e onde podem ser vistas de forma clara as consequências de políticas neoliberais que deixam a qualidade do ensino ao sabor mercadológico (GUZZO, 2005, p.19).

Essa realidade nos faz compreender o quanto é importante que o olhar do psicólogo escolar

seja provido de elementos multidimensionais (NEVES; ALMEIDA, 2006). Deve-se considerar o contexto social, político, cultural, bem como a história de cada sujeito, o que exige do profissional uma forma ampliada de compreensão da queixa escolar. Deste modo, a queixa configura-se numa rede de relações que tem como atores os alunos, suas famílias e, como cenário, a escola e, em última instância, a sociedade, apresentando, portanto, um fenômeno constituído por diversos fatores, histórias, situações, pessoas (SOUZA, 2007).

Nesse contexto, frequentemente a queixa emerge em um aluno específico, que é apresentado como “portador” de “problemas de aprendizagem”. Assim, se o psicólogo se encontra desprovido de uma visão mais abrangente sobre o tema, acaba contribuindo para a elaboração de diagnósticos reducionistas que desconsideram o contexto escolar. Deste modo, coopera para a criação de estereótipos, imprimindo na criança, na sua família e na escola a ideia do aluno como o principal responsável pelo fracasso escolar.

Diante desses desafios colocados na atuação do psicólogo escolar, destacamos a necessidade de uma visão crítica; como aponta Martínez (2010), é por meio dessa postura que o trabalho do psicólogo pode contribuir na integração da equipe escolar, na elaboração de práticas pedagógicas, na mudança de crenças e mitos e ainda como interventor no trabalho coletivo. Vemos assim a importância de que o trabalho do psicólogo escolar esteja comprometido tanto com as questões de ensino-aprendizagem como com as políticas públicas da escola, engajando-se em intervenções e reflexões aprofundadas sobre o cenário educativo.

Assim, a busca por um olhar mais amplo e crítico sobre as questões escolares é um assunto atual, de grande relevância, que se encontra visceralmente atrelado à questão da formação do psicólogo. Essa, por sua vez, é uma urgência reconhecida na área, requerendo, portanto, uma transformação efetiva, elaborada em termos de propostas concretas de ação. Somente com projetos voltados para a consolidação da identidade profissional, o que envolve tanto a formação em si como as possibilidades de intervenção do psicólogo escolar, é que se pode enfrentar tal situação. Práticas sustentadas por sólidos conhecimentos teórico-metodológicos, pelo engajamento e pelo compromisso social permitem novas formas de compreensão acerca da realidade, da atuação e da efetiva transformação do contexto em que o psicólogo intervém (ARAUJO; ALMEIDA, 2008).

O estágio supervisionado é uma das ações fundamentais na formação profissional. Guzzo, Costa e Sant’Anna (2009) ressaltam que os estágios assumem um papel decisivo nessa formação na medida em que possibilitam aos estudantes o início do seu exercício profissional, alinhando tanto sua própria história escolar como a formação teórico-prática proporcionada pelo curso de Psicologia.

Nesse sentido, o estágio profissionalizante é uma oportunidade preciosa de elaboração intelectual, emocional e prática, que deve construir e apontar caminhos para o exercício de uma Psicologia Escolar ancorada nos conhecimentos acadêmicos e comprometida com a realidade educacional de nosso país.

Atualmente os cursos de Psicologia se encontram em processo de reformulação curricular, mediante o Parecer referente às Novas Diretrizes Curriculares (CNE/CES, Parecer 0062/2004). Esse documento apresenta uma organização por meio de núcleo comum e ênfases curriculares, ou seja, existe um conjunto de disciplinas e de estágios básicos pelos quais todos os alunos devem passar e, mais à frente no curso, os estudantes vão eleger as ênfases que gostariam de cursar, incluindo disciplinas e estágios profissionalizantes específicos dentro da Psicologia. Desse modo, em vez de vivenciar a atividade prática somente ao final do curso, o aluno poderá passar por estágios básicos desde o começo e eleger, por meio da ênfase, uma área da Psicologia na qual quer aprofundar seus conhecimentos.

Já vemos emergir, a partir da Psicologia Escolar Crítica, trabalhos científicos que vêm percorrendo sobre estágios profissionalizantes na área, mas ainda não são numerosos os estudos que de fato forneçam subsídios para uma prática psicológica consistente no contexto educacional (NEVES *et alii*, 2002; SILVA, 2005; PIRES, 2011; BARBOSA, 2013). Daí a relevância da investigação e da divulgação de trabalhos, como o que aqui apresentamos, que possam fomentar debates, bem como embasar a construção de ações inovadoras, propiciando novas reflexões e práticas para uma formação consolidada do estudante em Psicologia, especialmente nos períodos de estágios profissionalizantes.

## A proposta de estágio em Psicologia Escolar

Nesta proposta, apresentamos um estágio profissionalizante em Psicologia Escolar que há 18 anos é desenvolvido na Universidade Federal de Uberlândia, vinculado à extensão universitária.

O GDA (Grupos de Desenvolvimento e Aprendizagem) é um projeto criado em 1995 por docentes da área de psicologia escolar do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Em linhas gerais, a proposta constitui-se num trabalho psicoeducacional com alunos, suas respectivas famílias e escolas com foco nas intercorrências no processo de escolarização, buscando abranger nas atividades propostas os aspectos cognitivos e afetivos a fim de contribuir com o processo de desenvolvimento infantil por meio de experiências diferenciadas de aprendizagem<sup>5</sup>.

A sigla refere-se aos conceitos de desenvolvimento e aprendizagem, termos caros à teoria histórico-cultural, referencial que embasava a proposta em sua constituição. Posteriormente, de acordo com a participação no GDA de docentes/supervisoras do instituto, tem havido incorporação de elementos teórico-metodológicos com que esses se identificam e que também oferecem sustentação para o trabalho.

Nossa intenção aqui é ir além de um relato da prática: a partir da experiência de um projeto já constituído e em curso, pensar alternativas no campo da formação em Psicologia Escolar. A seguir, apresentaremos algumas propostas nesse sentido e as reflexões delas decorrentes.

### O estágio em formato de projeto

Conforme relatamos, com base na experiência desse estágio e do histórico de estágios em Psicologia Escolar, elaboramos um projeto sistematizado, possibilitando a vivência de práticas profissionalizantes. Entendemos como projeto uma estrutura de trabalho respaldada pelas instituições envolvidas, reconhecida pela comunidade e que tem uma continuidade no decorrer dos anos. Ou seja, são estabelecidas diretrizes básicas para o estágio, com professores/supervisores identificados com a proposta e que a assumem alternadamente, de acordo com seus compromissos acadêmicos, e assim, mantém-se o serviço num formato parecido, com objetivos afinados, variando nos aspectos teórico-metodológicos de acordo com os profissionais que dele tomam frente.

Quando se tem um projeto num modelo extensionista que permanece ao longo dos anos, pode-se investir num aprimoramento constante que resulte em legitimação por parte tanto das instituições envolvidas como da comunidade que dele se beneficia. Para isso, é importante que tal projeto circunscreva objetivos e delimite seu do campo de atuação a fim de que as práticas se desenvolvam de acordo com a programação das atividades a serem realizadas. A estrutura deve envolver também o planejamento do tempo de dedicação do aluno ao estágio, incluída em especial a atividade de supervisão – espaço de aprendizagens para os estagiários com seus supervisores e entre si.

Outro fator importante em relação à continuidade de projetos diz respeito à seleção de estagiários, que ao longo do curso passam a se informar a respeito da proposta tanto a partir de comentários dos colegas que dela participam como das diferentes ações promovidas pelo projeto e que acabam dando-lhe visibilidade. Desse modo, nesse movimento, geralmente candidatam-se ao processo seletivo estudantes que efetivamente estão interessados no projeto e motivados para o trabalho desenvolvido nesse estágio.

A seguir apresentaremos alguns elementos que ajudarão o leitor a conhecer diretrizes que norteiam os Grupos de Desenvolvimento e Aprendizagem; algumas práticas foram se delineando ao longo do tempo, possibilitando reflexões acerca de atividades que seriam importantes para a constituição de estágios profissionalizantes; nesse caso, a formação do psicólogo para atuar no campo da educação.

<sup>5</sup> Para conhecer a proposta em detalhes, sugerimos a leitura do livro *Psicologia Escolar e Arte: uma proposta para a formação e atuação profissional* (SILVA, 2005).

## O Estágio em Psicologia Escolar: configurações e possibilidades

É importante que cada estágio organize as atividades de acordo com suas finalidades e características próprias. Nesse sentido, devem ser consideradas tanto a demanda da população com a qual se pretende colaborar quanto as necessidades dos futuros profissionais em formação. Consideramos significativo que o estagiário seja recebido em um serviço estruturado no qual se insira em uma perspectiva temporal, isto é, o estagiário “herda” uma proposta de atuação, participa ativamente de sua manutenção e transformação, passando adiante a continuidade de um trabalho. Neste momento, queremos elencar alguns elementos que consideramos interessantes para a formação do aluno na área da Psicologia Escolar.

- *Planejamento e execução de avaliação psicoeducacional* – Entendemos que esta é uma importante atividade sistematizada de aprendizado para a atuação do psicólogo escolar. O processo de avaliação permite que se veja, de modo aprofundado, pela investigação de uma queixa que se manifesta no indivíduo, um fenômeno que se tece no entrelaçamento das histórias individuais que são histórica e culturalmente produzidas. Em uma avaliação psicoeducacional, é fundamental que se utilizem de processos avaliativos de acordo com a queixa apresentada bem como com a orientação teórico-metodológica que norteia o estágio. Nesta proposta, utilizamos um modelo qualitativo (Ribeiro, Silva e Ribeiro, 1998) que abrange basicamente o processo de contato com a instituição escolar; identificação da(s) queixa(s) no processo de escolarização; observações; entrevistas com os envolvidos no contexto em questão (por exemplo: pais, professores, direção escolar); investigação psicológica - individualmente ou em grupo - que abarca os processos de desenvolvimento do aluno assim como seu processo de escolarização. Também são realizadas entrevistas devolutivas com todos os envolvidos no processo. Essa atividade contribui para que o profissional em formação possa conhecer queixas escolares de um modo sistematizado, aprendendo a recorrer ao campo da psicologia para situar uma determinada problemática e posicionar-se profissionalmente frente a ela, apontando, inclusive, possibilidades e limites de sua colaboração.

Em decorrência do processo de avaliação, ressaltamos a importância de o estudante aprender a elaborar os denominados *Relatórios Técnicos*, como apontam as Novas Diretrizes Curriculares (CNE/CES, Parecer 0062/2004), para a escola e demais profissionais que porventura fizerem o encaminhamento tais como: médicos, fonoaudiólogos, pedagogos, dentre outros. Esse documento, também previsto no Manual de Elaboração de Documentos produzidos pelos psicólogos (Resolução CFP N.º 30/ 2001) consiste em “[...] uma exposição escrita, minuciosa e histórica dos fatos relativos à avaliação psicológica”, cuja função é informar a um demandante dados de uma avaliação, os quais devem ser analisados por meio de referenciais teóricos consistentes. A elaboração desse material inclui tanto observações durante a avaliação psicoeducacional individual bem como investigação nos contextos que dialogam com a demanda, como a família e a escola.

Esse documento é útil para fundamentar um trabalho em rede, visto que, por meio dele, o psicólogo pode comunicar e partilhar com outros profissionais informações significativas sobre a situação em questão, ampliando a compreensão a respeito de cada caso, além de servir também como referencial do histórico em questão. A avaliação oferece diretrizes para orientar o trabalho integrado, pois nem sempre é o psicólogo que dará continuidade a todos os atendimentos. É por meio desse documento que tanto a família como a escola poderão direcionar futuras intervenções.

Quando, por exemplo, um professor dialoga com um psicólogo a respeito de seu aluno no que se refere à leitura, escrita e número; sobre suas possibilidades de mediação no meio em que vive; oportunidades que tem para brincar e explorar o mundo à sua volta e muitas outras questões, abre-se a possibilidade de um diálogo que pode ampliar a compreensão do professor e do psicólogo sobre o aluno, o que colabora para se pensar as possibilidades de ensino.

Assim, para a prática em Psicologia Escolar e Educacional, a experiência em avaliação, como um instrumento de comunicação entre profissionais, fortalece o trabalho do psicólogo, uma vez que em assuntos escolares não temos um único ator, e sim vários parceiros implicados nas demandas educacionais.

- *Intervenções psicoeducacionais* – A partir das informações construídas no processo de avaliação, é possível estabelecer uma comunicação com todos os cuidadores/educadores da criança e refletir conjuntamente acerca de alternativas que possam contribuir para o seu crescimento. No que tange ao atendimento em Psicologia Escolar, destacamos a importância de um contrato de trabalho que oriente o papel da família, da criança, do professor e do profissional de Psicologia em relação à queixa. É necessário estabelecer a periodicidade do trabalho, esclarecer as atribuições de cada um e apresentar, em linguagem apropriada, o embasamento teórico-prático que sustentará o processo de intervenção psicológica. Tal intervenção geralmente é realizada em uma combinação de atendimentos individuais e em grupo, tanto com a criança como com a família e a escola, como especificamos a seguir.

1) A criança – Os atendimentos individuais são planejados em sintonia com o andamento da vida escolar da criança, procurando auxiliar diretamente em seu processo de aprendizagem, isto é, considerando-se os objetivos escolares propriamente ditos. Em outras palavras, entendemos que ela precisa ser ajudada a acompanhar e integrar a rotina de sua sala de aula. Já os atendimentos em grupo visam colaborar com o enriquecimento de vivências da criança, seja no sentido do aprendizado acadêmico, seja na ampliação de conhecimentos culturais de maneira geral. Assim, norteados pela avaliação psicoeducacional já realizada, são trabalhados, tanto individualmente como no grupo, o desenvolvimento cognitivo, emocional, psicomotor e cultural em atividades que envolvem: leitura, escrita, desenho, pintura, dramatização, música, vídeos, jogos estruturados, brincadeiras livres, culinária e uma diversidade de recursos que são criados ou disponibilizados de acordo com o andamento do trabalho. Cabe acrescentar que, nos casos dos atendimentos individuais, também é proposto um enfoque diferenciado de acordo com as necessidades específicas de cada caso.

2) A família – São realizados atendimentos individuais uma vez por semana com a família (geralmente comparece um dos membros) da criança com o intuito de acolher, apoiar e refletir sobre os cuidados com ela. Nos atendimentos em grupo, são trabalhados os interesses dos pais ou cuidadores, bem como os assuntos que o psicólogo acredita ser necessários para complementar o trabalho que envolva e compreenda a família e repercuta, conseqüentemente, na criança. Usualmente, reproduzimos com os pais várias atividades que fazemos com as crianças tanto no sentido de ajudá-los no processo de identificação com seus filhos como na possibilidade de participar de atividades a que muitas vezes nunca tiveram acesso, mas pelas quais demonstram curiosidade.

3) Escola – É interessante que se desenvolva um trabalho periódico, procurando abordar aspectos que se consideram necessários para contribuir com o processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança. Com essa parceria, busca-se apoiar o cotidiano do professor, inclusive auxiliando-o, quando necessário, na organização de atividades específicas para cada criança, mas que beneficie também a maioria dos alunos. Assim, por meio da criança atendida, as questões do trabalho docente de modo geral podem ser pensadas conjuntamente. Também são realizadas reuniões com a equipe da escola e professores para discutir e avaliar o trabalho em andamento.

Dentre as diversas possibilidades existentes para o planejamento das intervenções e atividades no trabalho com queixas escolares, também destacamos aqui alguns exemplos: atendimentos individuais e em grupo com crianças e família; atendimento domiciliar; grupo de professores; supervisões e cursos de formação para profissionais da escola etc., tendo sempre como parâmetro a demanda do trabalho e as nossas possibilidades e limites para atendê-la.

Sobre esse aspecto do trabalho, Martínez (2010) diz, muito apropriadamente, que conhecer o aluno em suas especificidades ajuda a compreendê-lo e a planejar intervenções que o contemplem. Por isso, devem-se buscar ações educativas que atendam suas características e envolvam a rede de relações de modo a mobilizá-la e tecer apoios às questões escolares estabelecidas.

Consideramos que, embora seja fundamental que o estagiário possa trabalhar respeitando seus interesses, afinidades e busque utilizar suas habilidades e competências para propor com criatividade as intervenções, a participação em todo o estágio – destacando estudo e supervisão – deve contribuir para o aprendizado de práticas em Psicologia Escolar para o futuro psicólogo.

- *Organização e participação em eventos científicos* No percurso do estágio, é importante que as reflexões e práticas sejam compartilhadas pelos futuros profissionais em espaços de formação. Nesse sentido, as Novas Diretrizes Curriculares (CNE/CES, Parecer 0062/2004) preveem no núcleo comum de formação do psicólogo a competência para “apresentar e discutir ideias em público” (p. 3), o que remete à necessidade de que as atividades desenvolvidas no estágio também possibilitem a divulgação de conhecimentos teórico-práticos em diversos espaços científicos.

Sugerimos como proposta de trabalho a promoção e a organização de eventos científicos de pequeno porte (como seminários e palestras) pelos estagiários com auxílio dos supervisores, com temáticas relacionadas ao trabalho desenvolvido e às teorias que o fundamentam. Esses momentos colaboram para a formação do estagiário, desde o aprendizado prático relacionado a promover reuniões científicas, até a participação em espaços de reflexão, de diálogos com outros alunos e profissionais. Além disso, essa atividade pode contribuir para a interlocução com outras áreas do conhecimento, auxiliando na formação e no desenvolvimento profissional do futuro psicólogo escolar.

Em 2012, iniciamos os Seminários do Núcleo de Psicologia Escolar e Educacional, com encontros periódicos organizados pelas diferentes supervisoras de estágio da referida área com seus estagiários. É uma oportunidade em que as diversas propostas de estágio são apresentadas para estagiários e supervisoras, de modo que todos possam conhecer e compartilhar várias possibilidades de trabalhos na área escolar.

Outro aspecto a ser destacado é que, para a ampliação dos saberes do estagiário e do supervisor, é importante a divulgação das práticas acadêmicas por meio de apresentações de trabalhos científicos em eventos e congressos para além da universidade de origem. Esses momentos são oportunidades importantes que permitem o intercâmbio com fazeres da Psicologia e de outras searas, contribuindo para uma formação que seja mais ampliada e comprometida.

Por fim, ressaltamos a produção de artigos, relatos de experiências, comunicações científicas como outra importante contribuição do estágio visando à divulgação do conhecimento, de vivências a serem compartilhadas. Tais possibilidades podem colaborar com a formação do futuro profissional no que diz respeito ao exercício da escrita científica, do pensamento acadêmico e à divulgação da prática, habilidades também previstas nas Novas Diretrizes Curriculares (CNE/CES, Parecer 0062/2004). Esse diálogo fortalece a formação profissional do estagiário e a própria Psicologia Escolar e Educacional como área de saber e atuação por meio da propagação de práticas coerentes com a proposta crítica nesse âmbito.

### **Considerações finais**

Neste artigo, apresentamos uma proposta desenvolvida na Universidade Federal de Uberlândia, buscando compartilhar o formato e a experiência construída com os diferentes estagiários que passaram pelo estágio Grupos de Desenvolvimento e Aprendizagem (GDA) desde 1995, visando refletir a respeito das possibilidades de formação do psicólogo escolar, integrando a extensão e a pesquisa universitária.

Diante disso, ao longo deste trabalho, foram elencadas algumas propostas de configuração para o estágio profissionalizante no campo educacional, que podem ser estendidas para outros campos. Dentre elas, destacamos a construção de um projeto legitimado institucionalmente, que contempla diretrizes básicas para a condução de um trabalho ético e comprometido com as demandas de nossa sociedade. Exemplificamos também atividades importantes para a formação do psicólogo escolar tais como: avaliação e intervenção psicoeducacionais; elaboração de relatório técnico; organização e participação em eventos científicos e divulgação do trabalho desenvolvido no estágio por meio de artigos e relatos científicos.

As proposições deste trabalho foram apresentadas aqui como *alternativas*, pois sabemos que a realidade das instituições de ensino superior que oferecem o estágio profissionalizante e a das de ensino fundamental que usufruem do serviço prestado (assim como para ele contribuem) apresentam seus impasses e exigem uma formatação de acordo com suas realidades. Destacamos que faz parte do processo de aprendizado que o estagiário vivencie adversidades para se fortalecer profissionalmente, reconhecer os limites de sua prática, assim como possibilitar enfrentamento, superação de dificuldades e proposição de alternativas viáveis que colaborarem efetiva e criticamente com a nossa realidade educacional.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, C. M. M.; ALMEIDA, S. F. C. *Psicologia Escolar: construção e consolidação profissional*. Campinas: Editora Alínea, 2008.

BARBOSA, D. R. *Estudos para uma história da psicologia educacional e escolar no Brasil*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BARBOSA, R. M.; ARAUJO, C. M. M. Psicologia escolar no Brasil: considerações e reflexões históricas. *Estud. psicol.*, 27(3), Campinas, 2010, p. 393-402. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n3/11.pdf>> Acesso em: 10 de abril de 2011.

BARBOSA, F. M. *O processo de ensinar-aprender uma perspectiva crítica em Psicologia Escolar e Educacional: histórias compartilhadas por uma supervisora e uma estagiária*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior. *Parecer 0062/2004, aprovado em 19/02/2004, fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia*. Brasília, 2004.

GUZZO, R. S. L. et alli. Psicologia e Educação no Brasil: uma visão da história e possibilidades nessa relação. *Psic.: Teor. e Pesq.*, 26, Natal, 2010, p.131-141. <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010237722010000500012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722010000500012&lng=en&nrm=iso)> Acesso em: 10 de abril de 2011.

GUZZO, R. S. L.; COSTA, A. S.; SANT'ANA, I. M. Formando Psicólogos escolares: problemas, vulnerabilidades, desafios e horizontes. In: ARAUJO, C. M. M. (Org.). *Psicologia Escolar: Novos Cenários e Contextos de Pesquisa, Formação e Prática*. Campinas: Editora Alínea, 2009, p. 35-52.

GUZZO, R. S. L. Escola amordaçada: Compromisso do psicólogo com este contexto. In: MARTINEZ, A. M. (Org.). *Psicologia escolar e compromisso social*. Campinas: Alínea, 2005, p. 17-29.

MARÇAL, V. P. B.; SILVA, S. M. C. A queixa escolar nos ambulatórios públicos de saúde mental: práticas e concepções. *Psicologia escolar e educacional*, Campinas, 10 (1), 2006, p. 121-131.<[http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572006000100011&lng=pt&nrm=is](http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572006000100011&lng=pt&nrm=is)> Acesso em: 15 de abril de 2011.

MARTÍNEZ, A. M. O que pode fazer o psicólogo na escola? *Em Aberto*, Brasília, v. 23, n. 3, 2010, p. 39-56. Disponível em: <<http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1634/1298>> Acesso em: 10 de abril de 2011.

MEIRA, M. E. M.; ANTUNES, M. A. M. *Psicologia escolar: práticas críticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003a.

MEIRA, M. E. M.; ANTUNES, M. A. M. *Psicologia escolar: teorias críticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003b.

NEVES, M. M. B. J. et alli. Formação e atuação em psicologia escolar: análise das modalidades de comunicações nos congressos nacionais de psicologia escolar e educacional. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 22, n. 2, 2002, p. 70-90. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932002000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000200002&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em: 20 de setembro de 2011.

NEVES, M. M. B. J.; ARAUJO, C. M. M. A questão das dificuldades de aprendizagem e o atendimento psicológico às queixas escolares. *Aletheia*[online], n.24, 2006, p. 161-170. Disponível em: <<http://www.ulbra.br/psicologia/files/aletheia24.pdf>> Acesso em: 22 de setembro de 2011.

OLIVEIRA, C. B. E; ARAUJO, C. M. M. Psicologia Escolar: cenários atuais. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, 9 (3), 2009, p. 648-663. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S180842812009000300007&script=sci\\_arttext&lng=en](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S180842812009000300007&script=sci_arttext&lng=en)> Acesso em: 10 de abril de 2011.

PATTO, M. H. S. *Psicologia e ideologia: Uma introdução crítica à psicologia escolar*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

PATTO, M. H. S. *A produção do fracasso escolar: história de submissão e rebeldia*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1996.

PIRES, V. S. *O processo de subjetivação profissional durante os estágios profissionalizantes em Psicologia*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

RIBEIRO, M. J; SILVA, S. M. C; RIBEIRO, E. E. T. Avaliação qualitativa de crianças com queixas escolares: contribuições da psicologia educacional. *Interações*. São Paulo, v. 3, n. 5, 1998, p. 75-92.

SILVA, S. M. C. *Psicologia Escolar e Arte: uma proposta para a formação e atuação profissional*. Campinas: Editora Alínea e Editora da Universidade Federal de Campinas, 2005.

SOUZA, M. P. R. A queixa escolar e o predomínio de uma visão de mundo. In: MACHADO, A. M.; SOUZA, M. P. R (Org.). *Psicologia escolar: em busca de novos rumos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

SOUZA, B. P. (Org.). *Orientação à queixa escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

Recebido em abril de 2013.  
Aprovado em junho de 2013.